

VANDA ALVES DA SILVA



**A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE ARTES VISUAIS NO CURSO DE
PEDAGOGIA**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG

2015

VANDA ALVES DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE ARTES VISUAIS NO CURSO DE
PEDAGOGIA**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Juliana Gouthier Macedo

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

SILVA, Vanda Alves da, 1981-

A Importância do Ensino de Artes Visuais no Curso de Pedagogia:
Especialização em Ensino de Artes Visuais / Vanda Alves da Silva. –
2015.

36 f.

Orientador(a): Juliana Gouthier Macedo

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes
da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais,
como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em
Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Macedo, Juliana Gouthier. II.
Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *A Importância do Ensino de Artes Visuais no Curso de Pedagogia*, de autoria de Vanda Alves da Silva, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Juliana Gouthier Macedo- Orientadora

Verona Campos Segantini - Membro da banca

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

Dedico este trabalho a minha mãe Vanda e minha irmã Márcia, pelo exemplo, carinho, amor e dedicação.

Dedico ao meu namorado Carlos Eduardo pelo incentivo, amor e compreensão.

Dedico a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

Agradeço a Deus, que me protegeu e iluminou, dando-me coragem e forças para vencer os obstáculos, possibilitando o meu sucesso em mais um trabalho.

Agradeço a minha mãe Vanda pelo exemplo e amor, a minha irmã Márcia pelo carinho e ao meu namorado Carlos Eduardo pelo amor e paciência nos momentos de ausência, a todos agradeço também o incentivo e o apoio nos momentos mais difíceis. Obrigada por acreditarem em mim e estarem sempre ao meu lado.

Agradeço as colegas de graduação Gilcimara e Michelle Lisboa e a professora querida Lúcia Helena Pena Pereira, pela prontidão em me ajudarem no meu trabalho.

Agradeço as colegas do curso de especialização Elisa, Josiane e Regina pelo companheirismo e troca de experiências durante todo o curso.

Agradeço aos professores, tutores, coordenadores do curso e, em especial a minha orientadora Juliana Gouthier, pelo incentivo, sugestões e compreensão.

“Há pessoas que transformam o sol numa simples mancha amarela, mas há aquelas que fazem de uma simples mancha amarela o próprio sol.” Pablo Picasso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	
TRAJETÓRIA E EXPERIÊNCIAS	12
CAPÍTULO 2	
DESAFIOS COTIDIANOS	19
CAPÍTULO 3	
RECURSOS DIDÁTICOS	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	35

ÍNDICE DE IMAGENS

IMAGEM 1 – Obra de Chakaia Booker	19
IMAGEM 2 – Obra de Choi Jung Hyun	20
IMAGEM 3 – Obra de David Mach	20
IMAGEM 4 – Obra de Jennifer Maestre	21
IMAGEM 5 – Obra de Nathan Sawaya	21
IMAGEM 6 – Obra de Dirceu Veiga	22
IMAGEM 7 – Obra de Vik Muniz	22
IMAGEM 8 – Livro: Projeto Presente Arte	30
IMAGEM 9 – Livro: Fazendo Arte	32

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo discutir a importância e o desenvolvimento do Ensino de Artes Visuais na formação do pedagogo. A partir da minha trajetória de formação e das minhas experiências na educação formal e não formal apresentarei questionamentos, desafios, reflexões e sugestões a cerca do assunto.

O ensino de Arte é de grande importância para nossas vidas, nos tornando mais sensíveis, reflexivos, criativos, questionadores, observadores e imaginativos. Por isso a pergunta chave deste trabalho é: “Somos autorizadas a dar aulas de arte, mas estamos preparadas para isso?”. Sempre me questionei se o que aprendi na universidade me preparou para atuar como professora de Arte. A reduzida carga horária da Arte no curso de Pedagogia, a pouca experiência e a formação de caráter polivalente, são motivos suficientes para dizer que não estamos realmente preparados, ou seja, que precisamos de mais conhecimentos específicos para nos qualificar para essa atuação.

A nossa formação é algo muito importante, por isso deve ser considerada como o primeiro passo para avaliarmos as nossas competências e habilidades. A cada passo que damos construímos novos saberes e nos tornamos capazes de seguir adiante corrigindo e buscando novas ideias e possibilidades a partir do que não deu certo ou do que ficou a desejar. Tanto minhas práticas na educação formal como as na não formal me fizeram entender que o básico é muito pouco, e que o aperfeiçoamento é necessário em qualquer momento de nossas vidas e em todas as áreas. A graduação nos oferece o possível, mas a quantidade de horas disponível no caso de Fundamentos e Didática de Arte-Educação deixa a desejar, uma vez que, temos apenas 72 horas para discutir de forma teórica e prática todas as áreas da Arte.

Mas, além da questão da formação em Arte do pedagogo, existem vários desafios para nós educadores e cada um deve ser vivido e pensado com calma, buscando entender cada passo, o que acontece e como solucionar cada um deles. Às vezes, a solução é simples e pode vir de pequenas ações construídas com os próprios alunos ou com outros educadores. Para realizar uma ação significativa com Artes Visuais a pesquisa sobre artistas e técnicas é fundamental para criarmos

novas oportunidades para que os nossos alunos possam construir conhecimento em arte. A escola pode não ter material suficiente e adequado para as aulas de Arte, mas podemos buscar alternativas surpreendentes com materiais que talvez para nós antes de conhecer e pesquisar não seria possível como: pó de café, arames, botões, pneus e açúcar, dentre outros.

É preciso conhecer a Arte de outros artistas, visitar exposições, museus, galerias, experimentar novas técnicas, buscando novas reflexões a cerca da Arte, do que há de novo, do que já foi produzido e ainda está por vir. E diante da falta de ideias ou oportunidades é preciso um apoio, um norte, que podemos conseguir através de livros, encartes, reportagens, sites seguros e compartilhamento de conhecimento e experiência com outras pessoas.

CAPÍTULO 1

TRAJETÓRIA E EXPERIÊNCIAS

Pensando em minha formação, venho buscar uma resposta às minhas dúvidas sobre o quão apta estou a ensinar Arte, mais especificamente ainda, ensinar Artes Visuais. Entrei para o curso de Pedagogia da Universidade Federal de São João del-Rei, em 2009 e terminei em 2013, devido à greve. Durante o curso, com duração de quatro anos, tivemos apenas uma disciplina voltada para a Arte que se chamava Fundamentos e Didática de Arte-Educação, com carga horária de 72 horas cuja ementa rege o seguinte:

“Abordagem teórico-prática da Arte-Educação visando a uma postura reflexiva e crítica sobre as práticas educativas em arte com crianças. Expressão artística em seus aspectos crítico, sensível, expressivo e prazeroso e sua contribuição no processo de formação do ser humano em sua dimensão indivíduo/ser social. Arte-Educação como uma maneira abrangente de abordar o processo ensino-aprendizagem, aliando as dimensões técnica, política e humana no ato educativo.”

A disciplina, quando a cursei, era baseada nas seguintes referências:

“Básica

BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação no Brasil*. 5 ed. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2002.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: arte*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DUARTE JR., João Francisco. *Por que arte-educação?* 14 ed. Campinas: Papyrus, 2003.

READ, Herbert. *A redenção do robô*. Meu encontro com a educação através da arte. 2 ed. São Paulo: Summus, 1986.

Complementar

ASCHENBACH, Lena; FAZENDA, Ivani; ELIAS, Marisa. *A arte magia das dobraduras*. Histórias e atividades pedagógicas com origami. São Paulo: Scipioni, 1990.

BERGE, Yvonne. *Viver o seu corpo*. Por uma pedagogia do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

COELHO, Betty. *Contar histórias: uma arte sem idade*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1995.

FERREIRA, Sueli. *O ensino das artes: construindo caminhos*. 3 ed. São Paulo: Papyrus, 2004.

IABELBERG, Rosa. *Para gostar de aprender arte*. Sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

OSTROWER, Fayga. *A sensibilidade do intelecto*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

REVERBEL, Olga. *Jogos teatrais na escola*. Atividades globais de expressão. 3 ed. São Paulo: Scipione, 1996.”

Apesar da ementa e das referências abrangentes, a graduação nos oferecia muito pouco de cada expressão artística e sempre de maneira superficial. Ou seja, todas as áreas Teatro, Dança, Música e Artes Visuais juntas em uma única disciplina de 72 horas, não poderia ser diferente. Aprendemos apenas o básico do básico.

Antes de iniciar a graduação, tive experiências não formais que me fizeram interessar muito pela Arte e que me mostraram que é preciso estudar muito para conseguir começar a entender de fato a Arte. No Conservatório Estadual de Música do meu município, comecei estudando violão e percepção musical. E, tendo, como opção de atividade complementar, artes plásticas ou artes cênicas; quando iniciei os meus estudos no Conservatório escolhi as artes plásticas, que cursei apenas um ano, por não ter me dado muito bem com os desenhos. No ano seguinte, mudei de instrumento, passando para o piano e optei por artes cênicas como atividade complementar, que levei até o fim por me identificar melhor com as propostas. Também fiz parte de vários grupos teatrais, sendo que um deles oferecia oficinas em comunidades carentes de atividades artísticas culturais, da cidade e região. Durante o tempo em que fuiicineira deste grupo, por aproximadamente dois anos, tentávamos trabalhar música, dança e artes visuais, tendo como eixo o teatro. Considerando-o, como a “maior expressão de arte” por englobar todas as outras áreas, atuávamos partindo da necessidade de levar algo novo e diferenciado para aquelas pessoas, entre as quais estavam crianças, adolescentes e adultos.

As oficinas de teatro tinham aproximadamente uma hora de duração e, nelas trabalhávamos, na maioria das vezes, atividades voltadas para o teatro como: técnicas de relaxamento, expressão corporal, dicção, estudo de textos, atuação, alongamento, jogos dramáticos, criação de textos e histórias, cenografia e figurino. Quando tínhamos a oportunidade dialogávamos com outras expressões artísticas para poder diversificar mais as oficinas, como por exemplo: fazia relaxamento em todas as oficinas e depois, às vezes, pedia que eles relatassem o que tinham sentido e, em outras, pedia que mostrassem isso através de imagens. Para isto, entregava folhas e eles desenhavam, pintavam e coloriam da forma como tinham imaginado, sentido, aquele momento de relaxamento. Era algo interessante e diferente para eles, pois podiam se expressar de outra forma, que não fosse falando, como na maioria das vezes. E pensando nessa questão da atividade, me lembro da reflexão proposta por Pereira em um texto estudado na graduação,

Mais importante, porém, do que o tipo de atividade é a forma como é orientada e como é experienciada, e o porquê de estar sendo realizada. Ela deve permitir que cada um possa se expressar livre e solidariamente, unindo razão e emoção. PEREIRA (2006, p.124)

E é neste ponto que, tanto no curso de Pedagogia quanto no de Especialização em Ensino de Artes Visuais, percebi que o que eu fazia estava aquém do que era necessário. Ou seja, precisava de algo mais, de uma compreensão melhor das atividades propostas. Nesse processo, senti falta de uma maior contextualização; sobre as Artes Visuais para potencializar aquelas ações. Ficou claro que era necessário termos uma maior clareza do sentido daquilo que estávamos propondo. Isso, porém, não era claro naquele momento em que era oficineira, mas com o tempo, com novas experiências vivenciadas na graduação e na especialização, fui refletindo sobre as minhas práticas, pensando nas alterações que poderia fazer em outros trabalhos que possa vir a realizar.

As experiências com o teatro me ajudaram um pouco na graduação, me deixando mais a vontade nas aulas práticas. Mesmo sendo algo novo, tinham uma grande relação com as ações realizadas nas minhas oficinas, no conservatório, nos grupos de teatro, me permitindo uma melhor desenvoltura na realização das propostas. As experiências artísticas culturais que tive antes da graduação me

fizeram perder um pouco da timidez, me envolveram mais com artistas e não artistas, com o público adulto e infantil e, me fizeram buscar atitudes que possibilitariam o meu aprendizado e o de outras pessoas. Naquele momento, a minha bagagem, já me permitia entender melhor as questões que estávamos discutindo e, as nossas reflexões. Um processo que se relaciona com o pensamento de Paulo Freire,

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu “distanciamento” epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela “aproximá-lo” ao máximo. Quando melhor faça esta operação tanto mais inteligência ganha na prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade. Por outro lado, quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser e de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica. Não é possível a assunção que o sujeito faz de si numa certa forma de estar sendo sem a disponibilidade para mudar. Para mudar e de cujo processo se faz necessariamente sujeito também. FREIRE (1996, p. 18)

Sobre este pensamento, vejo que as práticas anteriores me permitiram uma mudança em relação à minha forma de agir com as novas propostas feitas durante a minha formação. Os textos sugeridos para leitura durante a graduação não eram lidos por mim de maneira obrigatória, mas sim com interesse, para poder participar das discussões e reflexões acerca do assunto. Nas ações, os grupos que eu participava me ouviam com atenção e aceitavam as minhas sugestões de atividades, por perceberem que já tinha algum conhecimento, o que nos permitia elaborar trabalhos bem mais claros e objetivos, chegando às propostas feitas pela docente. Nas provas, sentia que podia desenvolver melhor o meu pensamento e elaborar ações sintonizadas com as propostas da professora e com as demandas de toda a turma. Mas, para mim, ainda era pouco. Apesar de perceber que os desafios de quem não tinha tido experiências na área eram ainda maiores, eu sentia que ainda tinha dificuldades e queria enfrentá-las.

Durante a graduação, comecei a fazer parte de um grupo de Danças Circulares¹, o que também tem sido uma experiência muito válida para desenvolver projetos para aulas de dança. O grupo tem como proposta discutir a importância das Danças Circulares e oferecer uma formação duradoura e de troca de experiências com todos aqueles dispostos a estudar e buscar energias novas na dança. Ainda participo deste grupo, onde aprendi muito, mas ainda tenho condições de me aperfeiçoar. Já tive a oportunidade de ministrar uma oficina de Dança Circular em uma escola da rede particular de ensino do meu município, quando a participação foi enorme e intensa, com crianças e adultos, professores e pais dançando em harmonia. Uma experiência que também me mostrou como as práticas são importantes e nos ajudam a refletir sobre o nosso trabalho. Ou seja, ficou claro que com mais práticas o trabalho será muito melhor.

Percebendo que a disciplina de Fundamentos e Didática de Arte-Educação nos oferecia muito pouco para tanto conhecimento necessário, procurei buscar novos meios para aprender mais, como um Curso de Extensão em Educação Musical oferecido pela Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, realizado no Conservatório de Música, um curso básico, composto por dois módulos, com aulas práticas e teóricas. O primeiro módulo era composto por quatro eixos: Educação Musical: Abordagens e Concepções (conceituação de Educação Musical, história da Música no Brasil, grandes músicos educadores, estágios de desenvolvimento da música); Elementos Musicais (reflexões a cerca da importância do ensino de Música nas escolas, a falta que o conhecimento de Música faz para o público em geral, elementos comuns à Música como acorde, harpejo, altura, temperamento, pauta e prática de Flauta Doce); Apreciação Musical (vídeos e músicas para desenvolver a percepção e apreciação musical, estudo de músicos e momentos históricos relacionados à Música), e; Tecnologias Aplicadas à Educação Musical (uso de tecnologias para se ensinar Música, conceitos básicos da Música). No módulo dois foram oferecidos cinco eixos, sendo três deles em sequência dos anteriores, e acrescentando Noções de Voz (conceitos relacionados ao uso da voz, prática musical e aprendizagem de Música para canto) e Flauta Doce (práticas de Flauta). Ainda assim, o curso me ajudou muito a aprofundar meus conhecimentos

¹ São ritmos e culturas de vários povos. <https://dancacircularufabc.wordpress.com/o-que-sao-dancas-circulares/>

em Música. Foi neste curso que tive conhecimento do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e pensei que seria uma ótima oportunidade de aprender mais sobre o assunto, me possibilitando novas experiências para poder lecionar Artes.

Questionamento

Mesmo investindo em minha qualificação, a dúvida sobre a formação de Pedagoga para o ensino de arte, me motivou a fazer a pergunta “Somos autorizadas a dar aulas de arte, mas estamos preparadas para isso?” para algumas colegas da graduação (Pedagogas) e para a professora de Arte-Educação. Obtive as seguintes respostas:

Professora: Penso, como Duarte Júnior, que a principal tarefa da Arte-Educação é sensibilizar para a arte. Se pensarmos na função dos professores que não são de áreas específicas da Arte, a de estimular a criatividade, a sensibilidade e a humanização da criança, vejo que a Arte-Educação pode cumprir este objetivo na Pedagogia. Mas também vai depender muito do envolvimento do próprio educador. Oferecemos possibilidades de reflexão, de conhecimentos básicos, de dar um estímulo para a continuidade do processo. Não posso dizer que ele sai preparado, pronto. Mas nenhuma disciplina prepara para isso, às vezes, nem as áreas específicas, uma vez que lhes faltará a visão do pedagogo que é muito importante nesse processo. A própria Liliane Botelho, do curso de Música falou sobre isso em uma oficina que oferecemos ao 7º período no semestre passado. Também acho que vai depender muito da própria formação. Já vi professores de Arte-educação que só discutem textos e mais textos, filosofam muito, se prendem a um aspecto específico pelo qual sentem maior atração como o teatro, por exemplo, ou as imagens. Creio que isso tira um pouco da visão geral que os alunos da pedagogia precisam ter. Claro, que, o comum, é que cada um puxe a brasa para sua sardinha. Neste caso, não vejo a possibilidade, fora aqueles que corram atrás de conhecimentos, de ter uma base mínima para a atuação nas escolas.

Aluna 1: Não, pois não especializamos no assunto, e na nossa formação a fundamentação para tal é insuficiente.

Aluna 2: Não sei se preparadas, mas quando a universidade não nos dá nenhum preparo para nada dentro das escolas, nós temos que buscar instrumentos, inúmeras formas de nos viramos sozinhas, buscando novos conhecimentos.

Aluna 3: Acredito que não. Em minha formação acadêmica não tive disciplinas voltadas para o conteúdo de artes. Nossa formação nos dá uma base de como lecionar vários conteúdos. Porém se eu tivesse oportunidade de atuar nessa área, buscaria formas de capacitação para que eu pudesse lecionar esse conteúdo.

Diante das respostas chego à conclusão de que é preciso buscar mais, ir além da graduação para poder realmente lecionar Arte, e que a disciplina voltada para Arte não é suficiente. Mas ainda tenho algumas dúvidas como, por exemplo: A disciplina voltada as Artes Visuais tem espaço garantido e bem aproveitado pelos educadores? Como os futuros pedagogos reagem aos estímulos das Artes Visuais?

CAPÍTULO 2

DESAFIOS COTIDIANOS

Vivemos, cotidianamente, ouvindo inúmeras reclamações sobre as questões relacionadas à falta de papel, tinta, pincéis e outros materiais, que também são apresentadas como justificativas para que as aulas fiquem restritas a desenhos xerocados para que os alunos coloram ou atividades do tipo caça palavras ou palavras cruzadas, desvinculadas da Arte, propostas apenas para que os alunos fiquem ocupados.

Às vezes fico pensando se a falta de material seria a única causa para não se desenvolver aulas de arte mais interessantes. Se, não há como conseguir determinados materiais, os mais caros, por exemplo, é possível buscar alternativas para desenvolver ações que possibilitem a construção de conhecimento em e sobre Artes Visuais.

Um caminho possível é o de se trabalhar com pesquisa de materiais, por exemplo. Um trabalho que pode ser desencadeado a partir das obras de artistas como:

- Chakaia Booker (estadunidense) que faz esculturas e roupas com borracha de pneus;



Imagem 1 – fonte: <http://www.chakaiabooker.com/> _ acesso em 07/12/2015

- Choi Jung Hyun (coreano) faz esculturas com teclados e mouses de computadores;



Imagem 2 – fonte: <http://4rtgallery.blogspot.com/2013/10/keyboard-art.html> acesso em 07/12/2015

- David Mach (britânico) produz esculturas com tijolos, pneus e cabides;

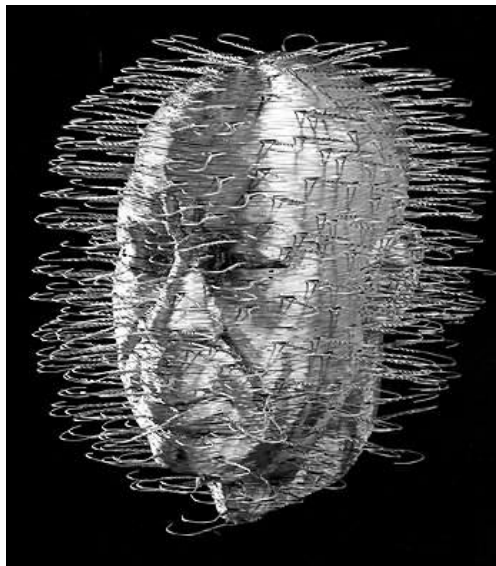


Imagem 3 – fonte: <https://www.royalacademy.org.uk/artist/david-mach-ra> acesso em 07/12/2015

- Jennifer Maestre (estadunidense), suas esculturas são feitas com lápis coloridos;



Imagem 4 – fonte: <http://www.jennifermaestre.com> acesso em 07/12/2015

- Nathan Sawaya (estadunidense) faz esculturas com peças de lego;

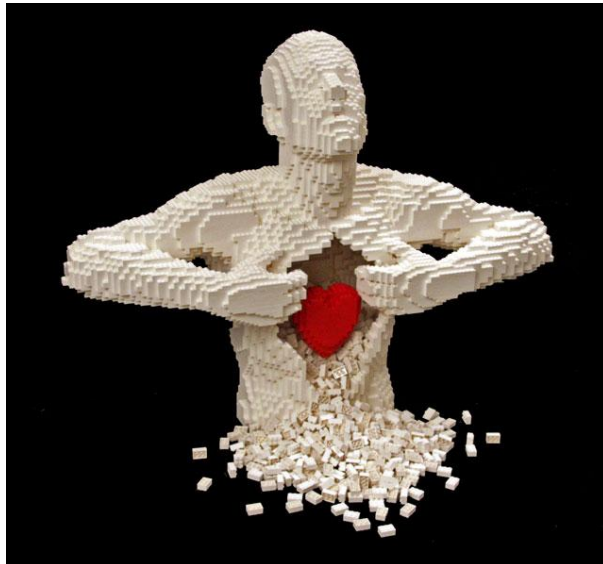


Imagem 5 – fonte: <http://www.brickartist.com/> acesso em 07/12/2015

- Dirceu Veiga (brasileiro) utiliza café em suas pinturas;

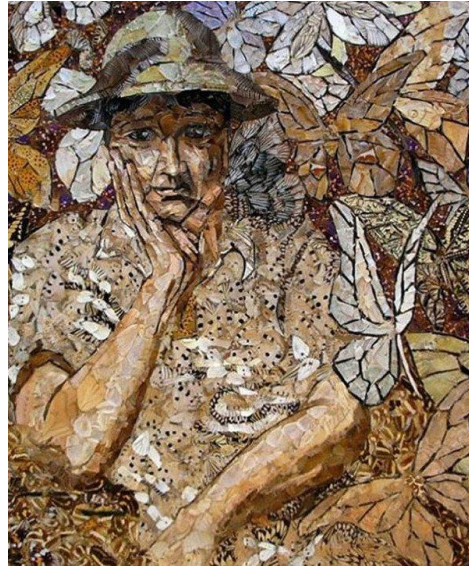


Imagem 6 – fonte: <http://www.dirceuveiga.com.br/> acesso em 07/12/2015

- Vik Muniz (brasileiro), seu trabalho é feito com comida, brinquedos, gel, açúcar, fios, arame, xarope.



Imagem 7 – fonte: <http://vikmuniz.net/pt/> acesso em 07/12/2015

A partir do trabalho destes e de outros artistas é possível desenvolver diferentes ações com os alunos, com materiais acessíveis a todos eles, permitindo que eles criem cada qual a sua maneira.

Outro aspecto que pode ser discutido é o uso descontextualizado do cinema, com a projeção de filmes apenas para se passar o tempo. Há situações que os professores nem sabem direito do que se trata, ou exibem sem antes terem assistido. Um exemplo que vivenciei foi o de uma professora que baixou um filme e não conferiu o material. Quando começou a passar o mesmo para seus alunos, ele estava em espanhol, sem legendas e com uma péssima imagem, e escuro. Mesmo assim a professora passou o filme até o fim. Como tinha o filme, me ofereci para levá-lo no dia seguinte para que os alunos pudessem ver e entender melhor. Achei um pouco complicada a situação, mas fiz o que pude para ajudar e orientei a professora a fazer como eu faço, é importante ver o filme antes, saber de suas condições de linguagem, imagem e tempo, ver se não tem nada errado com imagem e som. São cuidados necessários, pois, sem um áudio ideal, de acordo com a turma, não adianta passar o filme, quando a imagem está escura é pior ainda, porque alguns filmes não precisamos nem do áudio para entender. O tempo do filme também influencia muito. Um filme que vai gastar semanas para ser exibido não vai chamar atenção e quando terminar, os alunos já não vão mais se lembrar do seu início e não poderão fazer reflexões.

Apreendi isso em uma oficina de cinema na Mostra de Cinema de Tiradentes em janeiro de 2014. Não adianta passarmos um longa se o nosso tempo é curto e não conseguirmos negociar com os outros professores o horário deles. Para isso devemos dar preferência para curtas. Caso consigamos negociar o horário com os outros professores podemos usar os longas para trabalhar. Outro ponto importante é assistir o filme antes de levá-lo para os alunos para conferir a qualidade da cópia, que, deve ter uma imagem boa, com um bom áudio. Além disso, é preciso saber o idioma do filme e, no caso de produções estrangeiras, se for exibi-lo para crianças pequenas ou adultos em fase de alfabetização, é necessário usar uma versão dublada. Mas se os alunos forem maiores e alfabetizados, podemos utilizar os dublados ou os legendados.

Um aspecto que merece discussão é o fato de sempre termos que utilizar o cinema como interdisciplinaridade, ou seja, que a exibição possa contribuir com o ensino/aprendizagem do conteúdo de uma das disciplinas. Isso se aplica, geralmente, a todas as áreas da Arte, porque principalmente com as crianças, é sempre pedido nas escolas que trabalhem a Arte para ensinar alguma outra matéria. A Lei nº 13.006 de 2014 (BRASIL, 2014) nos aponta um novo rumo para o cinema na escola, fazendo com que seja obrigatória a exibição de filmes nacionais como consta abaixo:

§ 8º A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais. BRASIL (2014).

Com isso podemos trabalhar o cinema de modo a usá-lo como uma produção audiovisual e não apenas para ensinar outra disciplina. Com a diversidade de filmes que temos podemos trabalhar de maneiras variadas, sem intenção de ensinar conteúdos disciplinares, fazendo com que o próprio aluno encontre uma intenção, um desejo, um objetivo para aquele filme. A oportunidade de fruição é, por si só, um momento que contribui na formação dos alunos.

Nessa perspectiva, com a lei, a escola se torna um novo espaço para o cinema, onde podemos sentir, imaginar, ver e ouvir de várias formas. É o que nos ensina MIGLIORIN, que sobre o cinema na escola, diz:

O cinema na escola é assim menos um problema de uma migração do cinema para um outro espaço do que uma operação no interior do tempo e do espaço da escola. Explicito tal princípio, por entender que quando o cinema chega na escola o que ele traz - com sua história, com os filmes - é antes um modo de tornar o mundo pensável que perturba o pensável do que não é cinema: nós mesmos, a escola. O cinema traz um modo de fazer relações entre imagens, sujeitos, discursos, objetos, narrativas que transfiguram, por assim dizer, outros espaços e relações; no caso, a escola. Antes de apresentar conteúdos, as possibilidades discursivas e sensíveis, o modo de ser mundo do cinema provoca, intensifica e potencializa o que a educação inventa. MIGLIORIN (2014, P.178).

Partindo deste pensamento vemos o quanto o cinema pode contribuir para educação. Não, é preciso vincular a sua exibição com esse ou aquele conteúdo. Os

próprios alunos perceberão as conexões existentes entre as disciplinas no filme que estiver sendo exibido e eles mesmos poderão fazer as reflexões que acharem mais pertinentes em relação à ideia abordada no filme.

Com esta oportunidade de levar o cinema para sala de aula mais vezes do que o de costume, podemos elaborar uma lista de filmes logo no princípio do ano. Uma lista em que os alunos possam opinar e escolher o que será exibido a cada mês, podendo sofrer modificações ao longo do ano. Com isso, eles também tem a oportunidade de verem os filmes que tem vontade, podendo conversar sobre eles com os colegas de turma e os professores.

Na Música, não temos nada de diferente, porque pela nossa falta de conhecimento na área, acabamos usando a música apenas em atividades comemorativas da escola ou para ensinar alguma coisa como o horário do lanche, por exemplo, ou um aviso para fazer silêncio. Isso foi algo muito discutido no curso de extensão em Educação Musical que fiz no Conservatório Estadual de Música Padre José Maria Xavier, em meu município. Sem uma formação específica em Música fica muito complicado desenvolver trabalhos significativos na área.

A Música também nos apresenta muitas alternativas, pois são muitos estilos musicais, muitos instrumentos e muita tecnologia. Mas, para explorarmos sua potencialidade, precisamos estudar muito, pensar em cada detalhe. A teoria musical é complexa e exige que o professor tenha conhecimento a seu respeito, o que permite a elaboração de estratégias para sua melhor compreensão, pelos alunos. Não podemos correr para que os alunos aprendam de uma hora para outra, se nós mesmos também precisaremos de um bom tempo para nos dedicar a aprender. É preciso começarmos do mais simples, como por exemplo, de atividades musicais que ensinem nota por nota, músicas mais simples para cantar, além de trabalhar a partir de instrumentos variados para que os alunos possam diferenciar o som de cada um, ampliando assim o seu repertório. As tecnologias também ajudam e, a facilidade que temos com a internet contribui para que possamos conhecer músicas, instrumentos, técnicas vocais, artistas, jogos e filmes relacionados ao tema.

A Lei nº 11.769 de 2008 (BRASIL, 2008) nos aponta o retorno da educação musical aos currículos escolares brasileiros, uma nova conquista, mas veta o artigo

2º que exigia que apenas o profissional formado na área de música pudesse ministrar as aulas, como consta abaixo:

§ 6º A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2º deste artigo. (NR).

Art. 2º. (VETADO)

Art. 3º. Os sistemas de ensino terão 3 (três) anos letivos para se adaptarem às exigências estabelecidas nos arts. 1º. e 2º. Desta Lei. BRASIL (2008).

A Lei vem para proporcionar o ensino de Música e fazer com que pessoas que não tem formação acadêmica na área possam ministrar as aulas, partindo do pressuposto que existem muitas pessoas com conhecimento na área. Mas o que acontece é que na realidade nós Pedagogos também ministramos estas aulas e nem sempre todos os professores tem conhecimento na área. Para isso é necessário que estejamos preparados, é preciso buscarmos estudar Música para ministrar aulas que sejam significativas para os nossos alunos.

O incentivo a apreciação da Arte é fundamental, mas às vezes o professor não se importa nem com o que os alunos produzem fora de sala e levam para a escola para nos mostrar e, em algumas situações, nos contar do processo de criação. Ou quando descobrimos que um aluno tem habilidades desenvolvidas para determinada expressão, como o desenho por exemplo. Há ainda a falta de oportunidade para ver exposições e espetáculos de música, dança ou teatro.

Ao invés de incentivar, elogiar, o professor apenas diz que sabe fazer ou começa a dar exemplo de outras pessoas que desenham muito bem, mas não como referência, para aquele aluno conhecer o trabalho do artista, mas como uma maneira de dizer que outras pessoas fazem melhor que ele.

A nossa posição diante de alunos que possuem habilidades relacionadas à Arte deve ser sempre de incentivo, para que ele possa continuar a realizar a sua produção e avançar na reflexão sobre ela. Muitas vezes o aluno precisa de atenção, elogios e incentivo para as coisas que produz, não importando se ele é um excelente desenhista, um futuro artista, ou apenas um curioso que, com a ajuda dos colegas, conseguiu construir algo. Temos que nos interessar pela produção de nossos alunos

e criar meios para que os seus trabalhos sejam conhecidos dentro da instituição em que estudam e se possível, para a comunidade em torno desta instituição.

Outra questão que é recorrente ao campo da Arte é o desconhecimento da importância da necessidade de uma formação específica. Já me deparei com professores de Arte incentivando outros professores, sem qualificação para isso, a participarem das chamadas de Arte (a chamada é quando surge uma vaga de Arte na escola e ela é anunciada no site da Secretaria de Educação informando o local, a quantidade de aulas e o tempo disponível para vaga), argumentando que Arte é mais fácil e você não precisa ficar se preocupando muito, não exige do professor. Além disso, é comum ouvirmos como argumento de que nesse componente curricular as provas ou qualquer outra atividade avaliativa são dispensáveis ou ainda que não é necessário 'perder tempo' em elaborar as aulas, que podem ser 'preenchidas' com exercícios de colorir a partir de desenhos impressos e sem qualquer intenção didática.

Esses são alguns dos desafios recorrentes em nosso cotidiano, o que nos permite repensar as nossas práticas e nos mostra a visão que alguns educadores têm em relação à Arte. Fica claro também que há uma intenção de se instaurar a polivalência nas aulas de Arte. Na região em que atuo, esse ponto de vista, nos prejudica muito, pois, ao invés de trabalharmos com o conhecimento e as habilidades do nosso domínio, temos que desenvolver atividades em todas as áreas da Arte, o que acaba fazendo com que muitos professores não possam propor ações significativas em sala de aula.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais servem para nortear as nossas proposições em cada área da Arte e, quais os objetivos devemos seguir. De acordo com o PCN-Arte, o ensino de Arte:

[...] propicia o desenvolvimento do pensamento artístico da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas BRASIL (1997).

Mas, não há como assumir esse desafio, sem formação adequada. Se por um lado o ensino de Arte é fundamental para o desenvolvimento artístico e cultural dos indivíduos, por outro, não há como avançar quando os próprios professores não tiveram acesso a esse campo do conhecimento. Além disso, há o agravante de que boa parte das escolas não estão preparadas para aulas de Arte, devido ao espaço. Na maioria delas não há um espaço adequado para realizar os trabalhos, além do agravante da escola não conseguir fornecer o material necessário, para as aulas. Com isso, o próprio professor ou os alunos são compelidos a providenciarem todo o material necessário e ainda enfrentar o desafio da carga horária reduzida e da expectativa para sua atuação polivalente.

CAPÍTULO 3

RECURSOS DIDÁTICOS

Diante de tantas dúvidas e desafios, precisamos pensar que às vezes nos faltam ideias para realizar as aulas de Arte, exatamente devido à nossa falta de conhecimento específico e de um repertório considerável em relação à Arte. O que fazer diante desta situação? Algumas escolas adotam livros didáticos para que o professor possa trabalhar com seus alunos, o que ajuda muito, mas é preciso recorrer a outros materiais para desenvolver novas ações e para que isso aconteça é necessário aprender e pesquisar mais, como nos diz Paulo Freire:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. FREIRE (1996, p. 14)

Durante a especialização, tivemos contato com inúmeros textos que nos orientaram durante o curso e muito nos foi pedido que pesquisássemos, que buscássemos mais. O material que nos foi fornecido também aborda a importância de se fazer o uso de materiais didáticos para o ensino de Artes Visuais, porém nos alerta que nem todos os recursos que temos podem trazer um resultado satisfatório para determinadas ações. A partir disso podemos perceber que:

A arte é uma área de conhecimento, deve ser abordada como expressão e como cultura e as orientações devem priorizar ações e intervenções que estimulem a construção de conhecimentos na área e na ampliação da percepção estética dos alunos. O professor deve escolher conteúdos e procedimentos que proporcionem ao aluno construir habilidades tanto para criar o próprio trabalho quanto para apreciar e analisar a produção dos colegas, a produção de arte local e a do patrimônio artístico em geral, estabelecendo relações com a história da arte, com proposições de correntes estéticas diversas e com a produção dos artistas. UFMG (2008, p. 2)

Com este trecho do texto que aborda o uso do material didático, vemos o quanto a escolha dos recursos didáticos são importantes para a realização das aulas de Arte em nosso cotidiano, lembrando que nem sempre os livros vão nos fornecer o resultado pretendido e tão pouco serão suficientes para a realização das aulas.

Um livro didático que pude ter um breve contato é o “Projeto Presente ARTE” de Rosa Javelberg, Tarcísio Tatit Sapienza e Luciana Arslan, destinado a alunos do 4º e 5º anos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Um livro composto por oito unidades são elas: Culturas do Brasil; Pessoas e Lugares; Há muitas Formas de Fazer Teatro!; Musicando; Corpo e Arte; Espaços Dedicados às Artes; Histórias da Arte e, Histórias em Quadrinhos e Desenhos Animados. Ao fim de cada unidade nos são oferecidas várias sugestões de livros, e-books, CDs, DVDs e sites, com uma breve descrição de cada um deles.

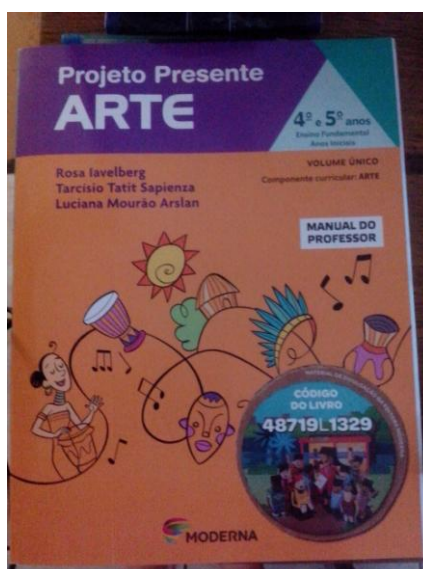


Imagem 8 – fotografia tirada por mim

Neste livro, que é o manual do professor, temos as Orientações e Subsídios ao Professor que é de grande importância, pois, ajuda a entender a organização e nos orienta didaticamente. Nele também temos a divisão que segue da seguinte forma: 4º Ano (Culturas do Brasil; Pessoas e Lugares; Há muitas Formas de Fazer Teatro! e Musicando) e para o 5º Ano (Corpo e Arte; Arte para Todos; Histórias da Arte e, Histórias em Quadrinhos e Desenhos Animados). Nele há uma reflexão sobre Arte que diz o seguinte:

Ao interagir com arte o aluno também aprende a pensar sobre as produções artísticas, o aluno constrói suas próprias ideias e se manifesta por meio delas falando, escrevendo e fazendo seus trabalhos artísticos nas diferentes linguagens.

No livro, abrimos espaço para essas reflexões sem esperar que os alunos repitam os conteúdos apresentados, mas que possam recriá-los com coerência dentro de um discurso que os satisfaça e que substituirão progressivamente por ideias mais aperfeiçoadas, mais próximas das ideias e teorias da arte, usando termos com adequação, ou seja, com repertório adequado e expandido na área. IAVELBERG (2014, p.224).

Com isso, percebemos que a teoria e a prática apresentadas no livro didático vem de encontro com a necessidade do fazer artístico a partir de experiências vivenciadas em e fora da sala de aula, a interação individual e coletiva também se faz importante para o processo de criação tornando o aluno um questionador, pesquisador e produtor. Se a cada página há um novo conhecimento, uma nova ação, um novo olhar ao fazer artístico, não podemos nos esquecer que todo o processo deve ser criativo e não repetitivo. Ou seja, o educador deve, a partir das teorias apresentadas no livro, buscar ações criativas para sua prática junto aos alunos, selecionando o que realmente é importante trabalhar, pensando sempre no contexto em que o grupo está inserido, da sua escola e dos seus objetivos com o ensino de Arte.

Em todo o livro também vemos a valorização de artistas brasileiros como Rubem Valentim (escultor), Goya Lopes (artista plástica), Airton Marinho (gravurista), Manuel Eudócio Rodrigues (escultor), Tarsila do Amaral (artista plástica), Anita Malfatti (artista plástica) e muitos outros, retrata paisagens, monumentos e a música de nosso país. Acredito que esta valorização faz com que os alunos entendam melhor a Arte, por poderem ver mais de perto diversas produções artísticas de pessoas mais próximas, algumas delas vivendo em nosso município ou estado, fazendo com que o aluno veja a importância cultural de nosso país e o quanto a arte está próxima de nós.

Para mim este livro é um suporte interessante que deve ser analisado, pois, possibilita várias experiências a partir dos artistas e técnicas apresentadas, apresenta materiais para pesquisa e norteia o professor nas suas ações em sala de aula.

Um outro material que tenho acesso e que pode ajudar muito, é um livro paradidático, “Fazendo Arte Projetos Inspirados em Obras-primas para Crianças e

Adultos Recriarem juntos.” de Maja Pitamic, da Publifolhinha. São 42 projetos distribuídos em oito capítulos, são eles: Cores; Preto e Branco; Formas; Animais; Retratos; Paisagens; Mitos e Lendas; Luz e Sombra. Cada capítulo é baseado nas obras de artistas como: Henri Matisse, Georges Seurat, Lipunja; Albrecht Dürer, Jakob van der Schley; Theo van Doesburg, Kazimir Malevich; Henri Rousseau, Jacopo Zuchi, George Stubbs; Edouard Manet, Amedeo Modigliani; Barent Avercamp, Paul Cézanne, James Abbott McNeill Whistler; Pablo Uccello, Jacob Peter Gowy; Michelangelo Merisi da Caravaggio, Franz Marc e alguns autores desconhecidos. Todos os capítulos tem uma breve introdução sobre o conteúdo e o artista, uma lista de materiais e como fazer.



Imagem 9 – fotografia tirada por mim

Neste livro percebo que o que o aluno vê daquela reprodução das obras é muito importante, o olhar dele é diferente e não importa se ele sabe qual a técnica que foi utilizada, primeiro o mais importante é o que ele consegue ver com a obra e depois apresentamos a eles o autor e sua técnica, no livro temos a seguinte reflexão:

A reação das crianças à pintura me encanta cada vez mais. Elas veem as obras de uma maneira nova e direta, e que parece muito distante do mundo da arte. Uma vez, eu estava observando *A noite estrelada* com meus alunos e perguntei por que eles achavam que Van Gogh tinha pintado o céu daquele jeito. Depois de várias observações, uma menina de 4 anos levantou a mão e disse: “Porque ele queria mostrar como o mundo é

bonito”. Inúmeros livros já foram escritos sobre Van Gogh, no entanto, uma criança de 4 anos consegue resumir em uma frase o propósito de suas telas. PITAMIC (2012, p.9).

Cada olhar um novo jeito de ver a Arte, partindo do que cada um sente e vê podemos entender melhor as várias formas de Arte e possibilidades da Arte. Se por um lado, nesse processo é possível compreender melhor a Arte e, buscando entender suas diversas formas de expressão, por outro fica evidente a necessidade de se aprender mais. A partir das reações e percepções de cada um de nós e de nossos alunos entendemos que a Arte não é algo simples e que, a cada passo que damos, a sua complexidade demanda novos conhecimentos, cada vez mais aprofundados.

Não apresento estes livros como uma “receita pronta” de como fazer Arte, mas como um material rico em ideias e sugestões para nos nortear nas ações que criaremos para nossos alunos, no desenvolvimento do pensamento artístico de cada um, fazendo com que eles possam buscar novas formas de criar, de pensar, de ver o mundo, desenvolvendo nossos sentidos e nossa percepção, a partir daquilo que aprenderam com os artistas e suas obras.

Assim, como nos diz Paulo Freire:

Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente. FREIRE (1996, p.14)

Em outras palavras, estamos sempre superando nossos conhecimentos quando estamos abertos a novas possibilidades e somente pesquisando, estudando e aprendendo seremos capazes de construir ações significativas para ensinar Arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que fiz até hoje foi muito pouco ou quase nada do que é necessário para minha contribuição para o Ensino de Arte e mais especificamente ainda para o Ensino de Artes Visuais. Vejo que a partir da minha formação construí um interesse maior em querer seguir caminhando rumo ao conhecimento. A pesquisa é algo importantíssimo para o ensino/aprendizagem de cada um de nós, é por isso que as produções artísticas, os livros e as pessoas se tornam essenciais em nossas vidas.

Essa caminhada no Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais me possibilitou me perguntar se estou realmente preparada para lecionar Arte e tenho a resposta cada vez mais clara, é preciso muito mais, o que aprendi foi muito pouco, mas foi muito significativo, me fazendo estudar e pesquisar mais.

Pensando no que diz Paulo Freire (1996 p.21): “Aqui chegamos ao ponto de que talvez devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento.”, fica claro que estamos cada vez mais longe de nos tornarmos conhecedores de tudo ao ponto de não precisarmos mais nos informar e pesquisar. E pensando nisso, vejo que as habilidades que construímos com o tempo e com a experiência são muito importantes para vermos o quanto somos bons em determinadas ações artísticas, nos permitindo uma sintonia maior com o nosso objeto de estudo e nos fazendo buscar cada vez mais o conhecimento e o aprimoramento de nossas práticas. A polivalência é um erro, é preciso lutar para que cada área seja reconhecida e trabalhada separadamente, fazendo com que as possibilidades aumentem e que os alunos e educadores tenham um apreço maior para com a Arte.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014.** Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 08 de novembro de 2015.

_____. **Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11769.htm>. Acesso em: 08 de novembro de 2015.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** arte, v. 6. Brasília: MEC, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IABELBERG, Rosa; SAPIENZA, Tarcísio Tatit; ARSLAN, Luciana Mourão. *Projeto Presente Arte: 4º e 5º Anos Ensino Fundamental Anos Iniciais.* 1 ed. São Paulo: Moderna, 2014.

MIGLIORIN, Cezar. *Deixem essas crianças em paz: o mafuá e o cinema na escola.* 18º Festival do Filme Documentário e Etnográfico Fórum de Antropologia e Cinema. Ministério da Cultura e Fundação Municipal de Cultura, 2014.

PEREIRA, Lúcia Helena Pena. Ludicidade e Arte-Educação: Tecendo Fios e Cores. In: PORTES, Écio Antônio Portes (org.). *Diálogos sobre ensino, educação e cultura.* Rio de Janeiro: G. papers, 2006.

PITAMIC, Maja. *Fazendo Arte Projetos inspirados em obras-primas para crianças e adultos recriarem juntos.* São Paulo: Publifolhinha, 2014.

UFMG. Abordagens sobre o material didático no ensino de Artes Visuais. In: PIMENTEL, Lúcia Gouvêa (org.). *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais*. 2 ed. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008.

UFSJ. Ementário, disponível em <http://www.ufsj.edu.br/coped/ementario.php>, acesso em 14 de setembro de 2015.

_____. Currículo, disponível em http://www.ufsj.edu.br/coped/curriculo_pedagogia_2010.php, acesso em 14 de setembro de 2015.

_____. Currículo, disponível em http://www.ufsj.edu.br/coped/grade_curricular.php, acesso em 14 de setembro de 2015.

_____. Currículo, disponível em http://www.ufsj.edu.br/coped/composicao_curricular.php, acesso em 14 de setembro de 2015.